

UMA LUTA CONTRA O TEMPO: O QUE NOS AGUARDA NO “NOVO NORMAL”?

A STRUGGLE AGAINST TIME: WHAT AWAITS US IN THE “NEW NORMAL”?

¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Programa de Pós-Graduação em Geografia. R. José do Patrocínio, 71, Centro, 28010-385. Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: F. C. AGUIAR. E-mail: <felipeaguiar@id.uff.br>.

² Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Campos dos Goytacazes, RJ, Brasil.

Felipe Costa Aguiar¹
ORCID ID: [0000-0002-6563-4763](https://orcid.org/0000-0002-6563-4763)

Regina Frigério²
ORCID ID: [0000-0003-2588-9582](https://orcid.org/0000-0003-2588-9582)

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos entender a relação que as escolas e os professores têm mantido com o tempo. Para tanto, nos debruçamos sobre a seguinte interrogação de pesquisa: como isto, tempo vivido, é percebido na quarentena presente e esperado num futuro “novo normal”? Para o desenvolvimento do artigo, buscamos, em conversas que tivemos com outros professores da Educação Básica, descrições de como o tempo tem sido vivido por eles e embates entre suas ideias e as que as escolas fazem vigorar. Ao fim, evidenciamos que as escolas divulgam como “novo normal” uma ideia inautêntica de tempo e de normal que conflita com o modo como os professores doam sentido a esses termos e, por consequência, pensam a volta emergente aos espaços físicos das escolas.

Palavras-chave

Docência virtual. Pandemia. Trabalho docente remoto.

ABSTRACT

In this work, we aim to understand the relationship that schools and teachers have maintained over time. Therefore, we focused on the following research question: how is this, lived time, perceived in the present quarantine and hoped for in a future “new normal”? For the development of the article, we sought descriptions of how time has been lived by them, clashes between their ideas and those that schools enforce in conversations we had with other Basic Education teachers. In the end, we show that what schools have been promoting as a “new normal” is an inauthentic idea of time and normal that conflicts with the way in which teachers give meaning to these terms and, consequently, think about the emerging return to physical spaces of schools.

Como citar este artigo
How to cite this article

Aguiar, F. C.; Frigério, R. Uma luta contra o tempo: o que nos aguarda no “novo normal”? *Pós-Limiar*, v. 5, e225564, 2022. <https://doi.org/10.24220/2595-9557v5e2022a5564>

Recebido em 18/1/22, versão final em 25/5/22, e aprovado em 7/6/22.

Keywords

Virtual teaching. Pandemic. Remote teaching.

INQUERINDO O TEMPO

Falar sobre o tempo nos impõe um grande desafio: saber o que o tempo é. Dizemos que esse é um desafio porque delimitar a área de aparência do fenômeno tempo parece ser uma tarefa impossível à medida que, quando tal demarcação é feita, quem o delimita cai no abismo da dúvida. Como Santo Agostinho nos lembra em *As confissões*: “Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada” (Santo Agostinho, 1964, p. XI).

Seguindo as recomendações de Santo Agostinho, não nos perguntamos o que o tempo é, já que isso nos levaria à dúvida. Investimos num caminho contrário a esse. Em vez de irmos em direção à certeza do que o tempo é, percorremos o caminho da dúvida não sobre o tempo, mas sobre o modo como isto que se chama tempo é percebido e vivido (Bicudo, 2003).

Para acessarmos o fenômeno tempo, nos perguntamos: como isto, tempo vivido, é percebido na quarentena presente e esperançado num futuro “novo normal”? Assim, nos baseamos na Fenomenologia como possibilidade de interpretação dos fenômenos, situando-os no horizonte histórico e social no qual os professores os percebem.

Sobre a Fenomenologia, Bicudo (1994, p. 17) nos conta que:

A fenomenologia, portanto, é um pensar a realidade de modo rigoroso. O que a caracteriza não é ser ou procurar ser esse pensar, mas o modo pelo qual age para perseguir essa meta. Falar em ‘modo pelo qual’ pode pôr em destaque os procedimentos, os métodos pelos quais faz isso. Os procedimentos, porém, são inseparáveis do fenômeno interrogado e, portanto, do pesquisador. Neles estão presentes a busca do rigor e algumas concepções que dizem da interpretação do mundo, como: fenômeno, realidade, consciência, essência, verdade, experiência, a priori, categoria, intersubjetividade.

As concepções supracitadas se imbricam em rede, relacionando-se umas com as outras, formando a tessitura de sentidos que dá forma à pesquisa fenomenológica. Enquanto tessitura, ao se urdirem nesse campo de pesquisa, esses sentidos nos apresentam que o fenômeno é o que aparece e se manifesta para uma consciência. Essa, por sua vez, não é uma consciência deslocada do mundo; pelo contrário, enquanto intencionalidade, a consciência é sempre o ato de estar voltado atentivamente para as coisas do mundo por meio de nossa percepção da realidade. A realidade, na pesquisa fenomenológica, não é o que se pode explicar por relações de causa e efeito. Retomando o fenômeno que aparece à consciência intencional, podemos dizer que a realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado pelos sujeitos que, atentivamente, se voltam para o fenômeno. Portanto, ao nos colocarmos em relação com esses fenômenos, é preciso compreendermos que a realidade não é dada *a priori*, mas sim percebida na experiência vivida no próprio ato reflexivo (Bicudo, 1994, 2011a).

Ao ser percebida, a realidade nos aponta para a intersubjetividade dos fenômenos, para o horizonte onde o perceptível e o percebido são interpretados, desvelados, comunicados e compartilhados. A intersubjetividade não se dá apenas nessas modalidades, vai além; ela preenche toda a tessitura de sentidos na qual a pesquisa fenomenológica é urdida, inclusive no que se refere às categorias que operam nesse tipo de pesquisa. Essas, por sinal, são compreendidas como categorias abertas,

justamente porque se doam à compreensão e interpretação à medida que a totalidade das regiões de inquerito em que os fenômenos se situam são desveladas (Bicudo, 1994, 2011a).

Essas questões nos apontam para a verdade e para como a pesquisa fenomenológica se legitima ao falar sobre os fenômenos percebidos pela consciência intencional. A verdade, segundo Bicudo (1994, p. 20), não é concebida como “[...] algo objetivamente dado, passível de ser conhecida intelectualmente através de conceitos que a representam de modo adequado — verdade entendida como significando adequação — a fenomenologia interpreta verdade como desocultamento, como *aletheia*, significando ‘mostração’ do que é essencial ao fenômeno”.

Diante dessas colocações, para inquerir o fenômeno por meio da interrogação que já foi exposta, investimos na descrição fenomenológica, que, segundo Bicudo (1983, 1994, 2011a, 2011b, 2011c), é a descrição do fenômeno em sua forma mais autêntica de aparência, sem convertê-lo e submetê-lo às categorias científicas pré-definidas que o tornam inautêntico. As descrições se interessam pelo fenômeno da forma como ele toma lugar no mundo, e não pelo modo como ele possibilita que os conceitos e categorias sejam legitimados.

Na empreitada de descrever como isto, tempo vivido, é percebido na quarentena presente e esperado num futuro “novo normal”, lançamos mão de conversas que tivemos entre nós e/ou com professores da Educação Básica que fazem parte dos nossos cotidianos. Enquanto conversas, os diálogos aqui apresentados “[...] não têm outro objetivo explícito que não seja o prazer de conversar” (Kerbrat Orecchioni, 2006, p. 13) e de desabafar com os mais próximos sobre as angústias da docência.

As conversas entre os professores compõem a “troca de figurinhas” que ocorre diariamente nas escolas, como nos conta Azevedo (2004, p. 12):

Essas trocas se constituem numa poderosa maneira de aprender a ser professora e professor, por muitas razões, entre as quais destaque: ocorre entre iguais; é imediata; é relativamente específica; há uma solicitação, implícita ou explícita, de ajudar; há disposição em ajudar; necessariamente não se efetiva entre docentes de uma mesma escola.

Ao nos lembrarmos dos diálogos travados com os colegas de profissão, escrevemo-los aqui com o objetivo de descrevermos como o fenômeno inquerido foi descrito, percebido e conversado com os colegas professores. As conversas se tornaram relevantes não só para inquerir o fenômeno percebido, mas também para situá-lo no cotidiano dos docentes. Ao fazê-lo, percebemos como o tempo de trabalho remoto era frequente em nossas conversas, o que nos revela as marcas desse período da história do trabalho docente. Ao contrário do que algumas escolas, principalmente particulares, insistem em dizer, o tempo de docência virtual não foi um tempo de aprendizado e evolução pessoal e profissional. Caso tenha sido, isso se deu à custa de muito sofrimento, até porque o tempo do trabalho docente remoto talvez tenha sido um dos períodos de maior precarização da profissão.

Os professores com os quais conversamos são profissionais de escolas particulares do Município de Campos dos Goytacazes (RJ). Além disso, é necessário frisar que essas conversas não tinham a intenção de pesquisa. Por isso, optamos por trocar o nome dos colegas de profissão com quem conversamos, e mantivemos os nossos.

Ao inquerimos o fenômeno, pudemos perceber que sua essência ocorria no cotidiano, revelando o modo como os professores o percebem e o experienciam. Buscando interpretá-lo, por meio de sua própria verdade e realidade, alcançamos os sentidos percebidos e desvelados nas conversas que, como intersubjetivas, possibilitaram que nossa consciência intencional

mirasse o fenômeno tempo vivido e o modo como cada professor o corporificava, tornando-o parte de sua própria existência por meio de suas preocupações, angústias, medo e temor perante o que grosseiramente se reconhece como “novo normal”. Sendo esse uma ideia que as escolas, principalmente as privadas, tentam disseminar sob a justificativa de que após a pandemia tudo voltaria ao normal, porém com novas roupagens.

Assim, estabelece-se um conflito entre as experiências que o tempo de trabalho remoto deixou na historicidade dos professores e a tentativa de algumas escolas de fazermos esquecer o que vivemos no tempo da docência virtual. Em meio ao conflito, a história pessoal de cada professor impera, resiste e insiste em nos lembrar que nenhum tempo vindouro apagará o passado vivido.

³ Título inspirado na música “Oração ao Tempo”, composta pelo compositor e cantor brasileiro Caetano Veloso (1979).

TEMPO... TEMPO... TEMPO... TEMPO...³

Para investigarmos a interrogação norteadora desta pesquisa, foi preciso preparar o solo que abriga a essência do fenômeno inquerido. Assim, perguntamos “[...] o que a *interrogação* interroga” (Bicudo, 2011a, p. 23, grifo do autor), isto é, o próprio tempo, problematizando e “[...] solicitando atenção ao tempo vivido nas vivências dos sujeitos investigados” (Bicudo, 2011a, p. 23)— neste caso, professores da Educação Básica.

Para inquerir “como o tempo é vivido” foi necessário evidenciarmos esse fenômeno que alegamos ser vivido. Após descrevermos experiências do tempo, pudemos acessar e interpretar como ele é vivido e tematizado na região de inquerito que investigamos.

Para isso, buscamos descrições do fenômeno interrogado que pudessem nos desvelar experiências fundamentais do tempo. Recorremos aos inúmeros textos (não só científicos) que — como seres de linguagem e, portanto, intersubjetivos — chegam a nós cotidianamente e formulam o modo como vivemos e entendemos o tempo.

Partindo do movimento interpretativo que Santo Agostinho faz do tempo, isto é, algo que não pode ser definido objetivamente, mas somente vivido, Bicudo (2003) nos adverte que o tempo, enquanto fenômeno, não se resume às horas que um relógio conta. A região de inquerito do tempo está para além disso — escapa do que os ponteiros e engrenagens do relógio demarcam. Bem, isso já era de se esperar, haja vista que estamos afirmando que “o tempo é vivido” e, enquanto tal, não pode ser resumido, porque o vivido está sempre aberto para as múltiplas possibilidades que a existência encontra à medida que é situada-no-mundo.

Sobre isso, Bicudo (2003, p. 26) nos apresenta que:

Não podemos negar nossa experiência temporal. Percebemo-nos sendo e dizemos *eu sou*. Nesse sendo, estamos com os outros, sempre manifestando modos de sentir e sempre ocupados com o que estamos fazendo. Essa é uma característica ontológica do nosso modo humano de existir. O ser importa e, portanto, impõe-se a preocupação com o devenir que é o que virá a ser. Com isso, a questão do tempo está implícita ao modo de ser do homem, porém o tempo enquanto temporalidade. O que significa: maneiras de estar no tempo. Ao falarmos em *estar* já está posta a conexão com o espaço, uma vez que ao estarmos, estamos em. Espaço vivido como espacialização, modos de habitar o mundo.

Santo Agostinho nos dá outras percepções sobre o tempo e sobre as formas de experienciá-lo;

Mas o que agora parece claro e manifesto é que nem o futuro, nem o passado existem, e nem se pode dizer com propriedade, que há três tempos: o passado, o presente e o futuro. Talvez fosse mais

certo dizer-se: há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro, porque essas três espécies de tempos existem em nosso espírito e não as vejo em outra parte. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a intuição direta; o presente do futuro é a esperança (Santo Agostinho, 1964, p. XI).

Para a existência o tempo passa, e em seus modos de passar atinge-a, toma-a, enrug-a. Enquanto o tempo é vivido ele se torna temporalidade, que Caetano Veloso apresentou pelo nome de “senhor de todos os ritmos”, que toca a nossa vida e dá ritmo a nós mesmos:

Compositor de destinos tambor de todos os ritmos

Tempo, tempo, tempo...

Que sejas ainda mais vivo no som do meu
estribilho

Tempo, tempo, tempo, tempo

Ouve bem o que eu te digo
tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído para fora do teu círculo

Tempo, tempo, tempo, tempo

Não serei nem terás sido

Tempo, tempo, tempo, tempo (Veloso, 1979).

Há muitas possibilidades de ser e estar no tempo, como nos revelam alguns outros textos que permeiam a nossa cultura, como a música “Oração ao tempo”, que foi exposta acima. Em sua canção, Caetano nos canta sobre um tempo que é vivo, ou melhor, ainda mais vivo e inventivo, que nos ouve e faz parte de nós. Por isso oramos a ele, o senhor dos ritmos e dos estribilhos, aquele que é presente, passado e futuro.

Também falando sobre o tempo, a personagem Iná, interpretada pela atriz brasileira Nicete Bruno, no último capítulo da telenovela brasileira “A vida da Gente” (de 2011), nos presenteou com uma outra descrição sobre como isso que chamamos de tempo é vivido por nós:

Quem teve o privilégio de viver muito sabe que o tempo é um mestre muito caprichoso. Às vezes, as suas lições são tão repentinas que quase nos afogam. Outras vezes, elas se depositam devagar como a conta gotas diante da avidez das nossas perguntas.

E, por isso, quem teve o privilégio de viver muito tempo, aprende a olhar com serenidade o turbilhão da vida. Amores ardentes se extinguem. Urgências se acalmam. Passos ágeis, alentam.

Enfim, tudo muda. Muda o amor, mudam as pessoas, muda a família, só o tempo permanece do mesmo modo, sempre passando [...] (O entretenimento..., 2021, *online*).

A personagem Iná, assim como Caetano, Bicudo e Santo Agostinho, descreve o tempo como algo que passa, mas não só isso. Além de passar, o tempo nos faz passar, nos dirige e direciona. Como diz Caetano, é o “tambor de todos os ritmos”. Esse tempo impede que sejamos sempre os mesmos, pois, como Iná nos contou, mesmo que as lições do tempo se depositem como “a conta gotas”, tudo muda! “Só o tempo permanece do mesmo modo, sempre passando [...]”.

O tempo permanece sempre passando porque é assim que nós o experienciamos, isto é, como temporalidade — tempo vivido (Bicudo, 2003). É pelo fato de ser temporalidade que o tempo nos marca e, assim, fica registrado como experiência do ser-no-mundo que somos... sempre atrelado aos lugares de onde percebemos o passar do tempo.

Só temos noção de que o tempo passou pela percepção que temos dele e pelo modo como percebemos a sua passagem e isso, por sinal, só é possível à medida que algo “fica em nós”, nos permitindo lembrar o tempo passado e esperar um tempo futuro. Esse modo de experienciar o tempo é descrito pela atriz Fernanda Montenegro ao interpretar o texto “Eu sou o tempo”, assinado por Everton Behenck e Nizan Guanaes (O tempo..., 2016, *online*):

Eu sou o tempo. Você acha que eu passo rápido. Que eu não volto. Que eu não perdo. É verdade. Mas agora eu estou aqui para a gente conversar com calma.

Você sempre pediu mais tempo e isso eu nunca pude dar. Então, a humanidade criou este incrível mundo digital e você virou senhor de cada minuto. Mas pelo que eu vejo, o ano já está acabando e todos continuam correndo contra o relógio.

Por isso, eu gostaria de te dar um conselho. Pense menos em mim e mais em você. É perdendo tempo que se ganha a vida. Neste ano, quanto tempo você passou com a sua família? Dando beijos? Jogando conversa fora com os amigos?

O segredo do tempo não está nas horas que passam. Está nos momentos que ficam. Porque são eles que vão contar a sua história, eu sei disso. Eu sou o tempo.

As descrições realizadas por Nicete Bruno, Caetano Veloso e Fernanda Montenegro desvelam os achados de Bicudo (2003) sobre como o tempo é vivido, bem como sobre momentos fundamentais que constituem a sua experiência e, por consequência, sobre o modo como nós o vivemos e somos constituídos por ele.

Falas como a de Caetano Veloso, que dizem para que o tempo ouça bem o que dizemos, ou as de Nicete Bruno, que descrevem o tempo como um mestre caprichoso que temos e, ainda, as de Fernanda Montenegro, que alegam que o tempo é quem conta a nossa história, corroboram com Kirchner (2017) quando o autor apresenta que é impossível entender o ser que somos caso tentemos o destituir de tempo. Para o autor, o ser é sempre no tempo e vice-versa. Por isso, ao pensar a questão do ser, Martin Heidegger chega ao tempo.

Segundo Kirchner (2017, p. 240):

[...] o fato de o ser-ai humano existir já sempre ‘no tempo’ e, conseqüentemente, que o tempo é essencialmente passagem, mudança, alteração, ou melhor, que, ao existir ‘no tempo’, o ser-ai humano faz a experiência de ser e não-ser e vice-versa. Mesmo que de um modo pré-científico e atemático, ‘no uso e na vida’, é dessa maneira que nós experimentamos o tempo. Não somente nas coisas e na natureza, pois, mais primordialmente, toda e qualquer experiência só é possível, porque, de algum modo, somos os agentes e os pacientes principais, ao mesmo tempo, de todas as possíveis experiências de passagens, mudanças, alterações [...] existindo ‘no tempo’. É desse modo que somos e como somos desde que existimos!

O autor segue expondo a estruturação do tempo, demonstrando que:

O que está por vir é ‘quem’ primordialmente se realiza e se temporaliza ‘no tempo’. O ser-ai já é sempre o ente que conta ‘com o tempo’ em tudo que faz e realiza. Portanto, não há tempo fora e além da relação vida-morte ou morte-vida. Vida é, pois, essencial e estruturalmente, u-tópica; é, necessária e primordialmente, não-

lugar; é, fundamentalmente, carente de lugar e, portanto, carece ocupar lugar ainda não-ocupado, não mais, porém, como fardo, como peso, mas com jovial e livre aceitação da negação como condição de ser inerente à própria vida’ (Kirchner, 2017, p. 242, grifo do autor).

O fenômeno tempo, como está sendo exposto aqui, não é passado, futuro ou presente; ele é o próprio ser que se temporaliza à medida que existe se reconhecendo no tempo, enquanto tempo e não como qualquer outra coisa que não seja temporal. Kirchner (2012, p. 141) reforça essa argumentação quando considera que Martin Heidegger, na obra *Ser e Tempo* e em textos contemporâneos a ela, aponta que o:

[...] conceito de tempo da ciência histórica reside no fato de o historiador poder escolher no passado os momentos mais significativos e ‘recontar’ ou ‘reconstruir’ a história a partir deles, uma vez que o próprio tempo é constituído por momentos significativos, os quais projetam sempre de novo uma nova luz tanto ao passado, bem como ao futuro, mas sempre a partir do presente.

O tempo, entendido de modo mais originário, não é o que passa ou o que continua no “aqui” da existência. O tempo é à medida que passa e continua passando, e estando no “aqui” da existência permite interpretações sobre sua passagem e sobre o que há de vir.

Heidegger (2012), nesse caminho, apresenta que cotidianamente experienciamos o tempo de modo inautêntico, entendendo-o apenas como tempo presente e, nesse ritmo, enxergamo-lo somente como o que há agora e não como o que está por vir ou já passou.

O vício em olhar o tempo somente como presente torna a existência inautêntica, porque a faz pensar que ela realmente se dá no tempo presente e, nos prazeres do presente, ignora o passado e o futuro. Por isso, em alguns textos, Martin Heidegger critica a visão linear de tempo — o tempo cronológico —, como o tempo dos relógios (Borges-Duarte, 2008, 2014).

As descrições que realizamos sobre o tempo, nesta seção, nos apontam para os modos autênticos de falar desse fenômeno e considerá-lo em sua inteireza, e não em repartições. O tempo, assim, é:

[...] um tempo rico e denso de vida, ‘onde’ algo acontece ou se dá, que nos afeta e que acolhemos afetivamente na compreensão, que é o exercício da nossa própria existência. Nela, por isso, abre-se no mundo o espaço de jogo do tempo em que o ser de tudo quanto há e o nosso próprio acontece. Esse acontecimento é sempre, em cada caso, meu: acontece-me (Borges-Duarte, 2014, p. 209).

Todavia, é na cotidianidade que o *Dasein* deixa de compreender o tempo em sua dimensão autêntica porque, na vida cotidiana com os outros, a inteireza do tempo é negligenciada para favorecer os prazeres dos instantes presentes, como se esses fossem eternos quando, na verdade, ninguém sabe o que o “tambor de todos os ritmos” nos reserva.

Há algum tempo, por exemplo, ouvia-se a seguinte frase por todos os lados: “*Don’t worry. Be happy*” Isto, pois, “[...] a quotidiandade foge da autenticidade para não adoecer: agarra-se às coisas familiares, também aos outros entes humanos, com os que convive e que até pode amar, para poder esquecer o que perturba” (Borges-Duarte, 2008, p. 267). A vontade de fugir do tempo, buscando mascarar a angústia e a indeterminação da existência, acaba nos levando não só ao adoecimento, mas também ao

esquecimento de si, o que é tão sofrível quanto, e, por sinal, já demonstra uma forma de adoecer.

Ladeados por essas interpretações, na seção seguinte apresentamos conversas que tivemos com professores da Educação Básica, que se relacionam com a interrogação deste trabalho e evidenciam como isto, tempo vivido, é percebido na quarentena presente e esperançado num futuro “novo normal”.

CONTANDO AS HORAS PARA VER PASSAR O TEMPO

Em uma sexta-feira 13 do mês de março do ano de 2020, deixamos a escola na esperança de que aquele seria apenas mais um final de semana. Porém, o que pode o humano diante das possibilidades que o tempo nos apresenta? Aquele final de semana passou e nos apresentou uma segunda-feira diferente: o início da quarentena. A quarentena nos deu um choque no primeiro momento, mal sabíamos que viveríamos aquele período por um longo tempo:

Felipe: É Regina, não está fácil, não! Já estamos no final de 2020 e ainda não conseguimos voltar à sala de aula. Não queria dizer isso, mas [...] não acho que voltamos ano que vem, as escolas aqui na cidade nem têm estrutura para isso.

Regina: Olha, querido, eu não creio que voltemos ano que vem também. Se bem que a pressão que algumas pessoas estão fazendo para as Universidades voltarem é absurda! E nem temos estrutura para isso! Imagine, nós naquela sala que mal tem ventilação e o vírus por todos os lados!

Felipe: Realmente não será fácil! Só nos resta esperar [...] (Conversas de professores, 2020).

Pensando que a pandemia fosse durar pouco tempo, as escolas adiantaram o recesso de julho. Pobres! Até hoje a pandemia perdura. Perdura a pandemia, permanece o vírus e pouco a pouco se esvai a vida:

Gustavo: Felipe, como anda você e sua família? Estão melhores da Covid-19?

Felipe: Sim, querido! Estamos, sim! Agora precisamos tratar algumas sequelas que ficaram [...] mas estamos bem melhor. Se cuide!

Gustavo: Que bom! Diante desses novos tempos, o que nos resta é nos cuidarmos muito bem. Qualquer ajuda que precisar, me avise! (Conversas de professores, 2020).

À medida que esse tempo pretendeu demorar sobre nossa existência, as escolas resolveram não mais esperar que ele passasse. Pelo contrário, pensaram em superá-lo, como se o tempo fosse correspondente a somente o período da pandemia, como se não fosse vivido e encarnado.

No embate contra o tempo, as redes públicas e privadas de ensino vestiram todas as suas armas na esperança de superá-lo, ansiando por um “novo normal” e produzindo uma possível volta às aulas. Foi assim que, mesmo durante a pandemia, escolas particulares promoveram aglomerações em eventos como festas juninas, dia dos professores e outras datas comemorativas para anunciarem que estavam seguras para a volta às aulas no tempo “pós-pandemia”, para a educação no “novo normal”:

Felipe: Você não vai acreditar! Acredita que precisei ir à escola para participar de um evento *drive-thru* da ‘saudade’?

Regina: O que?! Como isso?

Felipe: Isso mesmo. Em plena pandemia eu tive que entrar num ônibus com mais de 25 pessoas e ir participar deste evento na escola

[...] estou arrasado! As pessoas estão agindo como se estivesse tudo bem!! Ainda disseram que temos que nos acostumar com esse novo tempo, com o tal do ‘novo normal’.

Regina: Felipe, isso é um absurdo! Precisamos nos cuidar em dobro, porque, além dos perigos trazidos pelo tempo da pandemia, temos os perigos que os lunáticos trazem! (Conversas de professores, 2020).

A luta contra o tempo, principalmente no caso das escolas particulares, também busca superá-lo. Os jargões assumidos pelas escolas, que são os instrumentos principais dessa luta, anunciam: “Estamos seguros!”, “Aqui o vírus não entra”, “Venha viver o novo normal com segurança”. Em cada anúncio reside a vontade de falsear o tempo que estamos vivendo para dizer que ele já passou, levando tudo de ruim que nos ocorreu na pandemia, mas isso é uma tremenda ilusão, até porque, quando o tempo passa, também nos deixa rastros de sua passagem. Esses anúncios evidenciam a crença de que, superando os problemas trazidos por esse tempo, as escolas poderão esquecê-lo.

Os que travam essa luta demonstram se abdicarem da memória e da corporeidade que, mesmo sem querermos, registram no corpo e na história de cada um as marcas do tempo (Bicudo, 2003):

Márcia: Eles pensam o quê?! Que é simplesmente decidirem que voltaremos para a sala de aula e, num passe de mágica, nós voltamos? Só pode [...] amigo, eu perdi colegas de profissão! Eu perdi alunos! Meus alunos perderam parentes e eu também, e eles acham que tudo isso pode ser esquecido ao recebermos uma simples mensagem dizendo “Venha participar da primeira reunião pedagógica no ‘novo normal’?”

Felipe: Não creio nisso! Você está certíssima, o tempo não passa tão rápido assim. A impressão que tenho é que o dinheiro é o que fala mais alto, pouco importa a nossa vida... quem somos nós diante do dinheiro?!

Márcia: Justamente [...] Sinceramente, eu estou me sentindo usada, uma ‘bucha de canhão’ como se diz aqui no Rio. Eu sinto que estão querendo usar a nossa imagem dentro da escola para dizer que já está tudo bem e não há mais perigo.

Felipe: Você tem dúvida disso?! Foi-se o tempo que tínhamos alguma importância!

Márcia: Total! Agora é o tempo do ‘Farinha é pouca, meu pirão primeiro’ (Conversas de professores, 2020).

As redes particulares, especificamente, se utilizaram de todos os recursos que podiam para tentar vencer o tempo da pandemia. Plataformas virtuais foram construídas, aplicativos foram criados, metodologias foram inventadas e muitas inovações foram divulgadas. Entretanto, por de trás de cada tela há um ser que se corporifica, se projeta e se reconhece como docente, vivendo todas as intempéries do tempo da pandemia e produzindo saídas para os tempos sombrios vividos pelas escolas e seus praticantes:

Felipe: Gente, eu estou me sentindo exausto, juro para vocês!

Márcio: Eu também! É reunião atrás de reunião. Às vezes fico mais de 8 horas em reunião, é insuportável...

Júnior: Ehh galera [...] eu imagino, porque também me sinto assim. Quando tenho reuniões com a Secretaria de Educação é um saco! Demoramos horas e horas e não resolvemos nada”

Felipe: Nossa [...] nem me fala! Eu já estou farto das ‘reuniões’ rsrsrs. Mas é aquilo, né?! Reunião, no tempo da pandemia, virou sinônimo de produção, e esse povo tá louco por produção (Conversas de professores, 2020).

A produção excessiva foi um outro instrumento importante na constituição do que se convencionou chamar de “novo normal”, certa vez que as escolas que produzissem mais poderiam falsear o tempo da pandemia e utilizar a produção em excesso para dizer que tudo se normalizou... que já estamos na vida normal de novo, ou melhor, no “novo normal”.

O trabalho em excesso não só possibilita a justificativa supracitada, mas reduz as experiências das escolas na pandemia somente à esfera da produção, como se o tempo fosse vivido por recortes, e não pela totalidade do ser.

Nesse embate entre escolas e tempo, há aqueles que não podem esquecer nada, pois o “novo normal” os jogará na linha de frente, onde tentarão sobreviver aos tempos em que serão expostos aos vírus. Esses são os professores, sujeitos da Educação e sujeitados às condições do trabalho docente durante a pandemia.

As escolas particulares esperam que o “novo normal” seja o anúncio de boas novas, trazendo bons tempos. Tais instituições fabricam, pouco a pouco, o que acreditam ser a nova normalidade, produzindo cotidianamente representações de outros tempos.

Porém isso tem um custo que já está batendo à porta das salas de aula dos professores da Educação Básica. Entre vários custos, o “novo normal” tem custado a exaustão pela demanda intensa de trabalho, que muitas vezes nem é remunerado:

Rangel: Você não sabe da maior! Agora preciso ir à escola toda semana para fazer a correção de atividades.

Felipe: O que?! Por quê? Isso não pode ser corrigido à distância? Tudo está sendo à distância, gente.

Rangel: Não, não. Segundo a direção eu preciso corrigir lá dentro. Cara, ter que ir à escola agora é o fim da picada.

Felipe: Eu também precisei fazer isso, mas [...] assim [...] 2 máscaras no rosto e cuidado triplicado.

Rangel: Ainda tem isso. O pior de tudo é que ninguém está pensando no trajeto até a escola. É como se o portão da escola fosse anti-Covid [...] estamos vivendo o tempo de negação, negam a ciência e acreditam em qualquer coisa (Conversas de professores, 2021).

Durante a escrita deste texto, o mundo se encontrava no segundo ano da pandemia, e a mesma atmosfera de ansiedade, angústia e medo que vivemos em 2020 perdurava em vários lugares. Aliás, é essa atmosfera criada pela ameaça da doença que não nos permite esquecer o vírus e, assim, nos lembra que não há nada normal nesse “novo tempo”, até porque, nunca visamos o ser-para-a-morte tão intensamente (Heidegger, 2012).

A possibilidade da morte aparece em Heidegger (2012) como o caminho para a propriedade e autenticidade da existência. Porque, ao visarmos a possibilidade de morte, temos nossa consciência voltada para nós e para nossa finitude eminente e, por isso, podemos assumir uma possibilidade de ser que seja mais autêntica no jogo do tempo, em vez de investirmos nas possibilidades que os outros com quem dividimos o mundo público dizem que devemos investir.

Os professores, profissionais que estão, de certa forma, na linha de frente da pandemia, já enfrentam as tensões supraditas com a volta às escolas e têm vivido o tempo de retorno ao espaço físico da escola como uma atmosfera de medo e ansiedade, como daquelas que Trigg (2021, p. 8, tradução nossa)⁴ descreve:

A atmosfera de ansiedade também é articulada a um supermercado, por exemplo. Com o lockdown, o supermercado se tornou um lugar articulado a muitas formas de ansiedade. Esse é um lugar onde sujeitos devem circular de determinada forma, cuidadosamente

⁴ No original: “To give some flesh to these concepts, let us take an example that is relevant to the era of Covid 19; namely, being in a supermarket. The example is emblematic of a set of tensions and anxieties peculiar to our current situation. In effect, what is notable about the condition of living under lockdown is the transformation of the everyday and the prosaic into a site of anxiety and tension, which is expressive of more pervasive concerns. Indeed, it is precisely because a supermarket is ostensibly devoid of significant affective value that its presentation as a flashpoint of anxiety merits remark”.

para evitar chegar muito perto das pessoas e, também, evitar tocar, de modo desnecessário, superfícies que podem estar com a covid-19. Esse também é um lugar onde há o sentido de estar exposto ao perigo enquanto se executa um dos atos mais primitivos — conseguir comida. Como tal, o supermercado é um lugar ‘essencial’ tanto em termos de valor sociológico e econômico, mas também em termos de fornecer os fundamentos básicos da existência e, portanto, para muitas pessoas um passeio inevitável.

A ansiedade também traz à tona o medo (Heidegger, 2012), à medida que define um objeto que devemos temer: todo e qualquer objeto que contiver o vírus. O problema é que não há como saber em qual objeto ou pessoa está o coronavírus. Sem sabermos onde está o vírus, acreditamos que ele possa estar em todos os lugares. Assim, nos angustiamos por não saber o que fazer para nos proteger nem como agir nesses lugares:

Marizete: Eu não sei que ‘novo normal’ é esse! Uma palhaçada sem fim.

Felipe: Novo não sei pra quem, né?! Está tudo aí, como sempre foi [...] o que tem de novo nisso? Estamos vendo nossos direitos, saúde, salário e trabalho indo embora. O que tem de novo nisso?

Marizete: Justo! A única coisa que vejo de novo nisso tudo é a forma de nos matar, que antes era de estresse e cansaço e agora é de estresse, cansaço e Covid-19! (Conversas de professores, 2021).

Ao voltarmos aos espaços físicos das escolas, nos vemos perdidos em meio às coisas que antes da pandemia eram familiares. Vermo-nos no estranhamento, na própria angústia (Heidegger, 2012), na ansiedade de não saber o que este tempo reserva para nós e no embate travado entre o medo que sentimos da volta às escolas e o falso discurso dos gestores e mantenedores que alegam estar tudo bem. Esses fantasiosamente acreditam que os tempos agora são outros, dizem ser os tempos das boas novas do “novo normal”. Se isso é verdade ou não, somente o tempo poderá nos mostrar, caso o compreendamos de forma autêntica e serena, é claro.

À GUIA DE CONCLUSÕES: QUE “NOVO NORMAL” É ESSE?

Diante do atual contexto pandêmico, o que foi nomeado por “novo normal” tem sido não só divulgado, mas também produzido pelas escolas, principalmente pelas redes particulares.

As conversas que tivemos com professores e professoras demonstraram que as escolas particulares, pelo menos nas que os professores participantes das conversas trabalham, insistem no discurso de que o tempo da pandemia irá passar e divulgam que, após isso tudo, viveremos um tempo novo, quando tudo será diferente e funcionará numa nova lógica de harmonia, uma lógica pós-pandemia. Esse tempo seria o “novo normal”, o tempo pelo qual todos anseiam.

A denominação desse tempo, ao ser formada pelas palavras “novo” e “normal”, carrega os sentidos desses termos. Esse tempo não só é novo, mas também é normal. Obviamente esse tempo é novo, pois nenhum tempo se repete, como já foi evidenciado anteriormente. Entretanto, o que de “normal” haveria nesse tempo? Há como algum tempo ser “normal”? A partir das articulações feitas entre a interrogação do trabalho e os textos já discutidos, respondemos, respectivamente: nada e não.

Indo além, perguntamo-nos: que é isto, normal? No caminho dessa interrogação, as conversas de professores nos mostraram que, mesmo diante de toda a situação da pandemia, as escolas insistem em investir na tentativa de uma possível — e falha —, retomada da plenitude do passado, como se no passado tudo fosse normal. Como esquecer um tempo de muitas horas de trabalho seguidas? Como não se recordar da docência

virtual feita às pressas? Quem consegue esquecer as muitas aulas *online* vazias de som, fala e resposta? Alguns podem até esquecer, ou fingir que conseguem. Outros, por outro lado, permanecem com essas lembranças.

Desde as estratégias até as novas formas de organização do trabalho pedagógico, tudo corrobora para a construção de um *slogan* que diz: “Está tudo bem, já podemos voltar!”. Não há problema algum em voltar às escolas. Aliás, nós, professores, ansiamos por isso. A questão é a impossibilidade de voltar ao espaço físico da escola sem as condições e organizações do trabalho adequadas, desde as condições de segurança e prevenção até a garantia de tratamento amplo e digno da Covid-19, incluindo a vacinação, que, até o primeiro semestre do ano de 2021 ainda estava atrasada no Brasil.

Os professores negam este “novo normal” para que, autenticamente, possam afirmar que este tempo não irá passar assim tão fácil e, caso passe, deixará rugas e rugas — marcas próprias desse tempo. Na constante iminência da morte em decorrência do adoecimento, os professores olham para si mesmos e para sua existência e reivindicam um outro sentido para o tempo, que não é o mesmo imposto pelo jargão do “novo normal”.

Ao visarem o ser-para-a-morte (Heidegger, 2012), os professores compreendem-se na possibilidade da morte de si mesmos e, nesse movimento, se abdicam dos sentidos de tempo, ser, novo e normal instituídos pelo falatório coletivo e investem nos próprios modos de significar o tempo que estamos vivendo.

Diante dessa situação, nos cabe a pergunta: o que o tempo nos reserva na volta às salas de aula? Ninguém sabe, pois o tempo é vivido enquanto o ser é, no mundo e com os outros. Por essa falta de razão e sapiência sobre as coisas do tempo, o medo dos espaços físicos das escolas paira sobre a vida dos professores, pois só há como saber o que acontecerá quando o tempo imaginado como futuro acontecer num presente vindouro.

O medo é o medo doença, das complicações e das sequelas que ela pode trazer e, em último caso, da morte. Vale lembrar que muitas vezes o medo não é da morte de si, mas das consequências que a morte de um pode trazer para os que ficam; por exemplo, pais e mães que temem morrer e não estarem mais aqui para olharem por seus filhos, ou pessoas que são arrimos de família e temem o medo do dismantelo que os dependentes podem sofrer com a sua perda.

Por isso, é fundamental lembrar que não é sobre relógios e engrenagens, mas sim sobre pessoas que sentem, que marcam e são marcadas pelo tempo. É sobre um tempo que não chegará anunciando boas novas, mas sobre o frenesi de situações que temos experienciado diante da ameaça eminente da morte e do adoecimento. Não se trata de um “novo normal”, mas de um esforço para negar o que o tempo está nos dizendo agora, neste mesmo instante, para fantasiar compulsivamente um outro tempo que não o nosso.

Pelo passar do tempo, essa fantasia ficará apenas nos discursos e slogans que animadamente dizem: “Volta às aulas no próximo mês!”. Enquanto isso, seguimos na luta, não contra o tempo, mas contra aqueles discursos que insistem em negá-lo.

Sobre essa situação, retomamos as falas de Nicete Bruno, Caetano Veloso e Fernanda Montenegro para afirmarmos que é preciso “aprender a olhar com serenidade o turbilhão da vida”, porque ele é o “tambor de todos os ritmos”. O tempo não é diferente do Eu, “Eu sou o tempo”. E, neste momento, o tempo vivido nas escolas não nos pede outra coisa que não seja segurança, cuidado e acolhimento.

COLABORADORES

F. C. AGUIAR promoveu a discussão teórica sobre o fenômeno tempo. R. FRIGÉRIO colaborou com as lembranças, interpretação e escrita das conversas com os professores.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, J. G. De abobrinhas e troca de figurinhas. In: Azevedo, J. G.; Guimarães, N. A. (org.). *Formação de professores: possibilidades do imprevisível*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. v. 1, p. 11-26.
- Bicudo, M. A. V. A filosofia da educação centrada no aluno. In: Martins, J.; Bicudo, M. A. V. (org.). *Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação*. São Paulo: Moraes, 1983. p. 45-80.
- Bicudo, M. A. V. Sobre a Fenomenologia. In: Bicudo, M. A. V.; Espósito, V. H. C. (org.). *Pesquisa Qualitativa em Educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: Unimep, 1994. p. 15-22.
- Bicudo, M. A. V. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru: Edusc, 2003.
- Bicudo, M. A. V. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In: Bicudo, M. A. V. (org.). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Editora Cortez, 2011a. p. 11-28.
- Bicudo, M. A. V. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. In: Bicudo, M. A. V. (org.). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Editora Cortez, 2011b. p. 29-40.
- Bicudo, M. A. V. A pesquisa qualitativa fenomenológica: interrogação, descrição e modalidades de análise. In: Bicudo, M. A. V. (org.). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo: Editora Cortez, 2011c. p. 41-74.
- Borges-Duarte, I. A experiência do tempo nos Zollikoner Seminare de Heidegger. *Phainomenon – Revista de Fenomenologia*, n. 16-17, p. 261-276, 2008.
- Borges-Duarte, I. O pai devorador de seus filhos: do mito de Saturno à interpretação fenomenológica e analítica do tempo. In: Rosa, C. D. (org.). *E o Pai? Uma abordagem winnicottiana*. São Paulo: DWWe, 2014. 191-213.
- Heidegger, M. *Ser e tempo*. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- Kerbrat-Orecchioni, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- Kirchner, R. A fundamental diferença entre o conceito de tempo na Ciência Histórica e na Física: interpretação de um texto heideggeriano. *Veritas*, v. 57, n. 1, p. 128-142, 2012.
- Kirchner, R. De ser e de tempo: uma aproximação fenomenológica em perspectiva heideggeriana. *Quadranti*, v. 5, n. 1-2, p. 228-244, 2017.
- O entretenimento da Globo. [S.l.]: 2020. Facebook: Gshow. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=435082054326657>. Acesso em: 3 jul. 2021.
- O tempo – Itaú. [S.l.:s.n.], 2016. 1 vídeo (1 min e 30 seg). Publicado pelo Canal Joel Teixeira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r5iDUgFCI7w>. Acesso em: 1 jul. 2021.
- Santo Agostinho. *As confissões*. São Paulo: Edameris, 1964.
- Trigg, D. Atmospheres of anxiety: the case of Covid-19. In: Trigg, D. (ed.). *Atmospheres and shared emotions*. London: Routledge, 2021. p. 1-24.